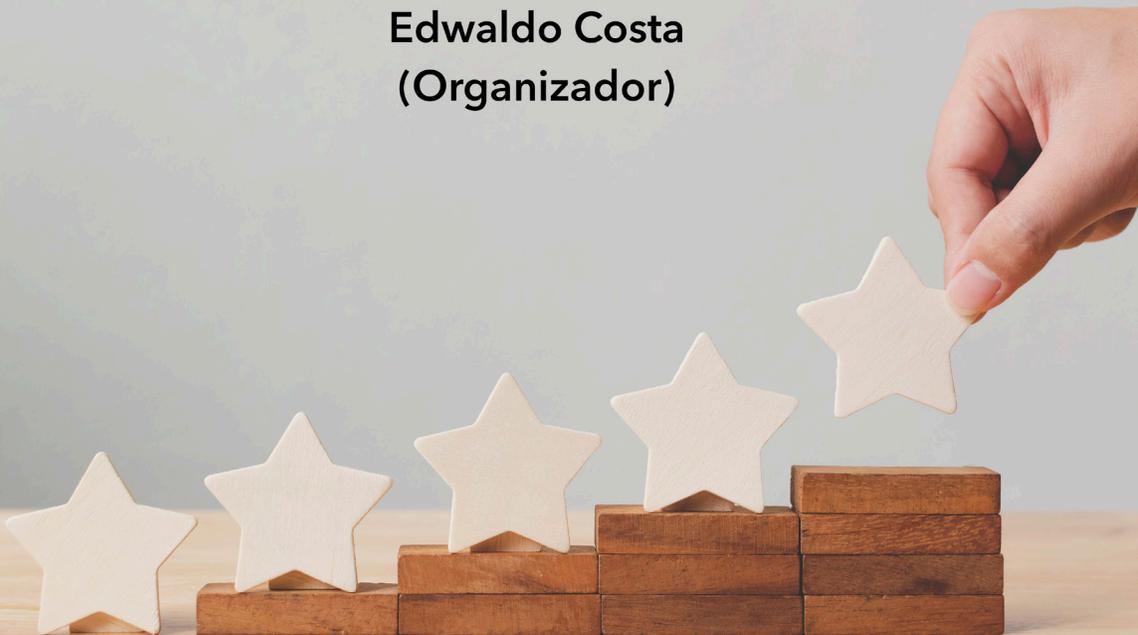


Atena
Editora
Ano 2021

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

Edwaldo Costa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

Edwaldo Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências da comunicação: chave para a ascensão em organizações e relacionamentos

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências da comunicação: chave para a ascensão em organizações e relacionamentos / Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-109-8

DOI 10.22533/at.ed.098212605

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Comunicação, mais especificamente sobre a atividade de partilhar informações como alicerce da vida em sociedade. Os textos que o compõem são reflexões que visam compreender os contornos que a Comunicação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos comunicacionais produzem na contemporaneidade. Neste e-book apresentamos 14 capítulos de 30 pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Os capítulos analisam uma pluralidade de questões, apresentando problemas de pesquisas que abrangem: as práticas comunicativas de brasileiros e venezuelanos interiorizados pela Operação Acolhida; a compreensão de como publicações realizadas no Twitter conseguem agendar o jornal A Folha de São Paulo em sua versão online; narrativas humanizadas em redes sociais; comunicação científica visual; as representações de Michel Temer em Carta Capital; análise da comunicação televisual; identidade no espaço midiático; arquiteturas do digital e suas tendências antropomórficas; software para garantir uma cidade acessível; desenvolvimento das capacidades comunicativas; estudantes na sociedade do conhecimento; preservação do patrimônio histórico e da memória cultural da Bahia; coordenação motora de crianças em vários ambientes de formação pública; etnofotografia como metalinguagem; empresa júnior e formação integrada. Como já mencionado, trata-se de uma obra transdisciplinar.

Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REPRESENTAÇÃO VISUAL DE IDOSOS PELA PUBLICIDADE DIGITAL DE NOVE MARCAS	
Tiemy da Silva Moura	
Sandra Maria Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0982126051	
CAPÍTULO 2	16
COMUNICAÇÃO INTERNA E GESTÃO DE PESSOAS: ESTRATÉGIAS POR TRÁS DO SUCESSO DAS BATERIAS MOURA	
Bianca Johanny dos Santos Lima Assunção	
DOI 10.22533/at.ed.0982126052	
CAPÍTULO 3	29
CONECTAR X DESCONECTAR: EFEITOS DE SENTIDO EM DISCURSO PUBLICITÁRIO	
Lisiane Alcaria de Oliveira	
Ahiranie Sales dos Santos Manzoni	
DOI 10.22533/at.ed.0982126053	
CAPÍTULO 4	43
DESPEDIDAS À FLOR DA TELA: MEMÓRIAS DOS USUÁRIOS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	
Robson Fonseca Simões	
DOI 10.22533/at.ed.0982126054	
CAPÍTULO 5	53
CORPO MIDIÁTICO: O DISCURSO DA BOA FORMA E A PRODUÇÃO DE SENTIDO ACERCA DO CORPO FEMININO	
Marília Diógenes Moreira	
Laís Sousa Di Lauro	
DOI 10.22533/at.ed.0982126055	
CAPÍTULO 6	68
DESIGUALDADES E OPRESSÕES: ANÁLISE DE DISCURSO NO PODCAST “GERAÇÃO P” DO UOL RELACIONADOS À CONSTRUÇÃO DA MAGEM DA MULHER DURANTE A PANDEMIA E OS EFEITOS DA SOBRECARGA DE FUNÇÕES SOBRE ELAS	
Janete Monteiro Garcia	
Pedro Farnese	
Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez	
Mariane Silva Paródia	
DOI 10.22533/at.ed.0982126056	
CAPÍTULO 7	78
O DISCURSO MACHISTA EM PUBLICIDADES BRASILEIRAS DE MODA FEMININA: UMA ABORDAGEM DIACRÔNICA	
Joel da Silva Fonseca Júnior	

Júlia Lopes Penido Pena

DOI 10.22533/at.ed.0982126057

CAPÍTULO 8..... 95

APRENDENDO A CONTAR, APRENDENDO A MUDAR: A EXPERIÊNCIA DA CADERNETA AGROECOLÓGICA COMO CONSTRUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES FEMININAS

Anna Christina Freire Barbosa

Glaucia Rejane da Costa

DOI 10.22533/at.ed.0982126058

CAPÍTULO 9..... 110

IMPACTOS CULTURAIS E ECONÔMICOS PROVOCADOS PELO CINEMA, RÁDIO E TV NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Carolina Braga Silva

Maria Elisabete Rabello

DOI 10.22533/at.ed.0982126059

CAPÍTULO 10..... 114

TOPOGRAFIA DA CULTURA: UM CONCEITO DESCRITIVO DA MATERIALIDADE DISCURSIVA INSCRITA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA NOS ANOS 1930

Camilla Ramos dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09821260510

CAPÍTULO 11..... 127

A MUDIATIZAÇÃO DO TERRORISMO EM PARIS: PROCESSOS DE CIRCULAÇÃO MUDIÁTICA ATRAVÉS DO PORTAL G1

Arnaldo Oliveira Souza Junior

Indira Ilana Vanderlei do Vale

Fernanda Ito Ota da Puri icação

DOI 10.22533/at.ed.09821260511

CAPÍTULO 12..... 141

PROCEDIMENTOS SEMÂNTICOS E DISCURSIVOS EM REDAÇÕES NOTA 1000 DO ENEM/2018

Ana Paula Cordeiro Lacerda Franco

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.09821260512

CAPÍTULO 13..... 155

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO ENTRELAÇAMENTO ENTRE ESTUDO DA TRADUÇÃO E JORNALISMO

Lucas Vinicio Stank da Silva

Maria José Baldessar

Ivan Luiz Giacomelli

DOI 10.22533/at.ed.09821260513

CAPÍTULO 14.....	165
FUTEBOL, PODER E IDEOLOGIA: ANÁLISES DA RELAÇÃO ENTRE SELEÇÃO E GOVERNO EM 1970 E 2014	
Edwaldo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.09821260514	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	188
ÍNDICE REMISSIVO.....	189

CAPÍTULO 8

APRENDENDO A CONTAR, APRENDENDO A MUDAR: A EXPERIÊNCIA DA CADERNETA AGROECOLÓGICA COMO CONSTRUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES FEMININAS

Data de aceite: 21/05/2021

Data de submissão: 04/03/2021

Anna Christina Freire Barbosa

Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais
Juazeiro – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/2380258918998637>

Glaucia Rejane da Costa

Secretaria de Educação da Bahia
Juazeiro – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/2339209603940949>

RESUMO: A divisão social e sexual do trabalho produz efeitos quanto a performances de gênero, decorrentes das relações de produção e formas de dominação, conforme Joan Scott (1995), Judith Butler (2003) e *Simone de Beauvoir* (2011). Assim este trabalho objetiva discutir como as vivências afetam as unidades produtivas e as relações intrafamiliares no campo, ao atribuir aos sujeitos “verdades institucionais”. Os relatos de mulheres trabalhadoras no sertão baiano, acerca da aprendizagem e uso de cadernetas agroecológicas, constituem-se o corpus. Para a sua análise, recorreremos à *Análise do Discurso francesa* (AD), segundo as proposições metodológicas de Orlandi (2001), num percurso em que inicialmente se procedem a dessuperficialização do texto, que passa a ser discurso, e a sua remissão a uma Formação Discursiva das quais derivam os seus sentidos. Uma vez alcançadas a produção dos sentidos

e a constituição dos sujeitos, chegam-se aos processos discursivos. Em seus discursos, portanto, os sujeitos enunciam da FD do Feminismo emancipatório, que define o trabalho como fonte de poder/saber. Assim, o efeito de sentido produzido é o de redefinição da própria subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Identidade; Gênero; Trabalho; Agroecology.

LEARNING TO COUNT, LEARNING TO CHANGE: THE EXPERIENCE OF AGROECOLOGICAL CADERNETA AS THE CONSTRUCTION OF NEW FEMALE SUBJECTIVITIES

ABSTRACT: The social and sexual division of work has effects on gender performances, resulting from production relationships and forms of domination, according to Joan Scott (1995), Judith Butler (2003) and Simone de Beauvoir (2011). Thus, this work aims to discuss how experiences affect the productive units and intrafamily relationships in the countryside, by attributing to the subjects “institutional truths”. The reports of working women in “sertão” of Bahia (Brazil) about the learning and use of agroecological booklets constitute the corpus. For its analysis, we use the Analysis of French Discourse (AD), according to the methodological propositions of Orlandi (2001). In this methodological process, initially the text is desuperficialized and becomes discourse. Then it is referred to a Discursive Formation from which its meanings derive. Once the production of the senses and the constitution of the subjects are reached, the same also happens to discursive

processes. In their discourses, therefore, the subjects enunciate from the FD of Emancipatory feminism, which defines work as a source of power/knowledge. Thus, the redefinition of their own subjectivity is the effect of meaning produced in those subjects' discourses.

KEYWORDS: Discourse; Identity; Genre; Labour; Agroecology.

1 | INTRODUÇÃO

Dentro da dinâmica produtiva, os sistemas econômicos lançam mão de recursos para a operacionalização tanto da produção de valor, quanto da sua distribuição. Para tanto se valem do emprego de reservas naturais, capital, trabalho humano, capacidades tecnológicas e capacidades empresariais; fatores necessários para viabilizar as atividades atinentes ao processo produtivo.

Nesse contexto, o comportamento da população ocupada é de grande importância para o desempenho da economia. Sua performance está diretamente ligada ao volume de empregos, taxas de desemprego, capacidade produtiva, bem como a sinergia e grau de conflito entre os agentes produtivos (CAMARGO, 1996), do que se denota o desempenho de uma atividade ou região.

Porém há um aspecto que é recorrente: a existência de elementos e capacidades disponíveis para o trabalho que não são absorvidos, tanto pela incapacidade de manutenção quanto de criação de postos de trabalho. Desse modo se afigura a desigual repartição de renda, o que afeta diretamente a divisão sexual do trabalho, com desvantagens recorrentes para as mulheres, ao se observar por exemplo que, em 2018 a taxa de desocupação para os homens era de 11,5% enquanto que para as mulheres era de 14,9%. A levar-se ainda em conta que o rendimento médio das mulheres ocupadas entre 25 e 49 anos de idade equivalia a 79,5% do recebido pelos homens nesse mesmo grupo etário.

Ao se observar a situação das mulheres do campo o cenário é ainda pior, pois apenas 21,1% foram consideradas ocupadas entre as classificadas como trabalhadores da agropecuária, florestais, da caça e da pesca, obtendo rendimentos de 71,5% em relação aos dos homens (IBGE, 2018). Em que pese a contribuição das mulheres nos rendimentos dos domicílios tenha sido, entre os anos de 1995 a 2015, cada vez mais expressiva (HOFFMANN, 2019), a desigualdade permanece.

Quanto ao papel da mulher do campo, verifica-se um agravante, pois o seu trabalho no domicílio é tomado, via de regra, como mero trabalho reprodutivo, o que a relega a segundo plano do ponto de vista de agregação de valor e, por consequência, na consideração social.

Entretanto existem pontos de resistência a esse discurso, é o caso das cadernetas agroecológicas, uma experiência social desenvolvida pela Cooperativa de Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte (COFASPI) no semiárido baiano. O seu foco é a apropriação, pelas mulheres, de técnicas básicas de contabilidade para mensuração de

suas contribuições na produção econômica agroecológica e no incremento de renda das famílias, com efeitos ontológicos visíveis em relatos veiculados em redes sociais.

Para tratar do tema o presente artigo está estruturado como segue: além da presente introdução, a segunda seção traz uma discussão acerca da divisão social e sexual do trabalho; em seguida, enfoca o papel da agroecologia no ciclo produtivo do campo; na quarta seção apresenta o percurso metodológico adotado, e em seguida apresenta e analisa os resultados encontrados; por fim tece considerações finais.

2 | SOCIABILIDADES NA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

As sociabilidades se manifestam das mais variadas formas na vida social, dependendo da maneira como as relações sociais são experimentadas nos espaços de convívio, podendo ser passageiras ou duradouras, formais ou informais. Ao se tomar em consideração as sociabilidades há que ir ao plano do cotidiano; na dimensão de ver e perceber o mundo a partir do plano individual. Levar em consideração o que é compartilhado nas relações sociais face a face, mas também os movimentos gerais da vida em sociedade, capazes de movimentar a estrutura social em variados graus de complexidade.

Elas expressam interesses, maneiras de agir e sentir dos indivíduos e grupos em função de suas escolhas, mas também se expressam de forma institucionalizada. Dentre as de maior relevância está o trabalho, pois afeta de modo bastante abrangente e organizado a sobrevivência e autoafirmação (FORSE, 1981; BIDART, 1988).

O trabalho é uma categoria fundamental da vida social. Se vincula a alguns elementos que se colocam como fatores determinantes a conjunturas específicas, a exemplo de: heranças históricas, macrocondicionalidades, retorno do capital humano, talento e habilidades inatas, curva da experiência, estoques de riqueza acumulados, poder de mercado, heterogeneidade ocupacional e discriminação (ROSSETTI, 1997).

Nessa perspectiva, a atividade econômica está vinculada a cenários macroestruturais, políticos, sociológicos e culturais, levando a que se considerem fatores ligados à conformação social e à formação histórica. O que é gerado como resultado é a sua forma hegemônica de determinação das relações produtivas. De modo que os diversos segmentos do mercado de trabalho estão ligados por um elo estrutural, tendo em vista resultarem do mesmo processo cujo curso se vincula à dominância do capital.

Assim os setores formal e informal são indissociáveis. Sobre isso Cacciamalli (1983, p.29) afirma que “o movimento relevante é que a produção capitalista pode vir a destruir certas atividades informais num determinado momento e local e, simultaneamente, criar e recriar outra”, mas esta característica é parte da lógica de produção e apropriação de riqueza capitalista. Estão aí incluídos os trabalhadores dedicados ao setor terciário mas também os autônomos dedicados à manufatura de bens de consumo, produção de alimentos, dentre outros.

Mas o setor informal, embora se constitua em parte como negação da apropriação direta da mais-valia, está inserido neste mesmo contexto sócio-histórico e é dependente da sua lógica de determinação. Comporta o conjunto de empresas ou pessoas ocupadas em atividades pouco organizadas que utilizam processos tecnológicos simples, que tanto podem se encontrar em mercados competitivos quanto na base da estrutura produtiva, como é o caso da agricultura familiar e da agroecologia.

Tem como característica a ocupação por conta própria, onde o produtor direto é possuidor dos instrumentos de trabalho, podendo recorrer ao trabalho de membros da família, muitos dos quais são mulheres, ou de ajudantes. Sem a existência de relações formais e impessoais, nem mesmo a divisão capital-trabalho, a atividade produtiva é guiada pelo fluxo de renda, e não pela perseguição de uma taxa de rentabilidade competitiva.

Há que se considerar também a centralidade do trabalho como parte 'essencial' na definição ontológica do ser humano, pois a sociedade contemporânea é constituída por uma base econômica, natureza da ocupação, e posição na distribuição de poder e prestígio. O que se constitui em fator determinante para as relações de produção, sobre as quais se ancoram paradigmas ideológicos (MARX, 2008).

Ao se observar tais dinâmicas produtivas podemos encontrar, de modo bastante significativo, sociabilidades relativas à divisão de funções entre os sexos, típica da estratificação social que atribui a mulher volumosas atividades relativas à reprodução da vida das famílias, de forma recorrente imputando-as trabalho de caráter informal. Entretanto tais atividades, via de regra, são classificadas como de menor relevância, fazendo parecer que há uma menor importância das contribuições femininas no ciclo produtivo.

Assim a divisão social e sexual do trabalho pode ser definida como a maneira como o trabalho é dividido nas relações entre os sexos, sendo essa forma histórica e conjunturalmente modificada em cada sociedade. Deste modo, o trabalho produz efeitos quanto a performances de gênero, decorrentes das relações de produção e formas de dominação, capazes de produzir uma base de representações sociais que motivam e orientam as relações e interações (WEBER, 1997) e, assim, conformar condutas coletivas.

Ela produz, por vias simbólicas legitimadas pelas sociabilidades, o reconhecimento que torna padrões culturais em práticas sociais naturalizadas (SCOTT, 1995). Pois corrobora com a definição de expectativas de desempenho de papéis sociais, o que para as mulheres significa a submissão na relação sexual, extensiva ao trabalho de reprodução no ambiente familiar. Assim se estabelece um caráter prescritivo que se difunde na memória coletiva e na reprodução da linguagem (MOSCOVICI, 2011). E uma vez aceito seu conteúdo, as representações passam a compor a identidade e o modo de julgamento dos agentes.

Daí a consolidação dos modos de dominação que atuam, tanto no plano cultural quanto no subjetivo, ao gerar ajustes nas dinâmicas materiais e ideológicas. Isto se manifesta em sentido amplo, sendo o patriarcalismo uma de suas manifestações enquanto

sistema sociopolítico (DELPHY, 2009; MIGUEL; BIROLI, 2013; PATEMAN, 1989).

Ao alinhar a forma de apreender dos indivíduos, faz com que suas visões de mundo sejam resultado da assimilação das estruturas objetivas, de modo que “a ordem instituída tende sempre a se manifestar, mesmo aos olhos dos mais desfavorecidos, como algo evidente” (BOURDIEU, 2001, p. 210).

Na medida em que a dominação é tanto questão de processos culturais e psicológicos como de processos materiais e políticos, ela age no sentido de ajustamento dos agentes de modo que, o que está em jogo, são as formas estruturais que a inscrevem em um ambiente socioculturalmente definido no mundo social.

Para compreender historicamente as desigualdades sociais relativas à divisão social e sexual do trabalho, é necessário admitir uma dimensão relacional das relações de poder, em que estão imbricados os aspectos culturais, normativos, políticos, econômicos e subjetivos (BUTLER, 2003). Assim se permite legitimar as posições sociais, com implicações significativas nas estruturas históricas baseadas em *práxis* androcêntricas (BOURDIEU, 2005).

A esse respeito Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* dizia que “a mulher é como um homem um ser humano: mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto é singularmente situado” (BEAUVOIR, 2011, p. 15).

Porém, se o pré-construído está em toda parte, cabe a dúvida radical no espaço multidimensional das relações sociais (BOURDIEU, 2004). Os discursos de oposição levantados pelos movimentos feministas tornaram-se instrumentos para questionar a lógica hegemônica que estabelece papéis assimétricos de gênero (SCOTT, 1995), o que pode ser observado nas dinâmicas das mulheres do campo que se dedicam a agroecologia.

3 | AGROECOLOGIA NO CICLO PRODUTIVO DO CAMPO

A revolução verde trouxe inequivocamente ganhos em termos de aumento de produtividade e volume de *commodities*, criando um ambiente de inovações contínuas no campo pela implementação de melhoramento genético, pesquisas para desenvolver a fertilização do solo, uso de agrotóxicos e melhorias das máquinas, assim foi possível uma maior produtividade no campo.

Em que pese a sua pujança representada no PIB e nos bens exportados (IPEA, 2020), as *commodities* não geram postos de trabalho e distribuição de renda na mesma proporção. Esse papel de propiciar trabalho e rendimentos no campo e suprir o mercado interno é cumprido pela agricultura familiar.

Para se ter uma ideia da sua importância, de acordo com o Censo Agropecuário de 2017, em levantamento feito em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como da agricultura familiar. Em extensão de área, a agricultura familiar ocupava no período da pesquisa

80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros.

Em setembro de 2017, a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas o que significam 67% do total de pessoas ocupadas naquele momento na agropecuária. Ela ainda resultou em 23% do valor total da produção dos estabelecimentos agropecuários. Estima-se que o setor é responsável por aproximadamente 50% da comida que chega à mesa das famílias brasileiras e emprega 70% da mão de obra no campo.

Conforme o censo, os agricultores familiares têm participação significativa na produção dos alimentos que vão para a mesa dos brasileiros. Nas culturas permanentes, o segmento responde por 48% do valor da produção de café e banana; nas culturas temporárias, são responsáveis por 80% do valor de produção da mandioca, 69% do abacaxi e 42% da produção do feijão (IBGE, 2017), de modo que é visível a contribuição significativa para a economia brasileira, movimentando cerca de R\$ 55 bilhões por ano no país.

Para melhor especificação, a designação agricultura familiar, no âmbito deste trabalho, se refere ao campesinato, como definido por Wanderley (2009), constituindo-se naquilo que vem a ser o foco da agroecologia, seu ponto crucial para o entendimento das vivências sociais, tanto do ponto de vista econômico quanto das práticas culturais que compõem esse segmento social.

Ao fazer uma breve retrospectiva histórica é possível identificar no Brasil, a partir da década de 1980, um crescimento de movimentos no campo em contraponto ao agronegócio, voltados a práticas agroecológicas, na produção e manejo de culturas das pequenas e médias propriedades. A partir de estratégias de empoderamento das práticas produtivas, de escoamento e comercialização da produção, o campesinato passou a ter maior controle sobre os seus processos produtivos, gerando melhores resultados no mercado (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).

As contribuições da agroecologia são significativas, pois se propõe a viabilizar metodologias acessíveis para que se alcancem novos condicionantes de participação por parte das comunidades, de sorte a promover rearranjos sociais que permitam ao campesinato se tornar protagonista, com capacidade de decisão nas dinâmicas sociais (MOREIRA; CARMO, 2004; SEVILLA-GUZMAN, 2006).

No cenário da produção econômica se insere, de modo bastante expressivo, o trabalho das mulheres do campo, com o desempenho das atividades do cuidado dentro das residências e no trabalho dedicado aos quintais, os quais servem de suporte à complementação da alimentação do grupo familiar, seja através do cultivo de hortas e pomares, da criação de animais, ou até mesmo da fabricação de peças artesanais.

Ao se tomar a experiência como fator de saber fazer, são várias as lutas por reconhecimento (HONNET, 2009), articuladas nesta perspectiva pelas vozes e ações de feministas brasileiras voltadas às mulheres do campo, como pode ser visto na experiência

das cadernetas agroecológicas.

Trata-se de uma técnica contábil relativamente simples, sistematizada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de Minas Gerais (CTA-ZM), a partir de contribuições de diversos grupos de mulheres e agroecologia ligados a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA. Ela propicia o controle do que é produzido na unidade produtiva de agricultura familiar, com o objetivo de visibilizar e valorizar a produção agroecológica das mulheres agricultoras. Permite que sejam registrados consumo, troca, venda e doação do que é cultivado nas propriedades pelas agricultoras, bem como os demais trabalhos que gerem renda direta para a família.

Consiste em uma prática de inovação da gestão e controle do processo produtivo no âmbito das performances femininas, pois a “caderneta busca por meio da monetarização da produção realizada nos quintais, dar maior visibilidade ao trabalho, principalmente o produtivo não (ou pouco) remunerado – voltado ao autoconsumo, à troca, à doação e à venda (ANSCHAU; GONÇALVES, 2018, p.4)”.

São, portanto as mulheres do campo, voltadas a práticas agroecológicas, na produção e manejo de culturas das pequenas e médias propriedades sujeitos da nossa pesquisa. E os seus dizeres sobre essa experiência constituem o nosso *corpus*, coletado em seus depoimentos em áudios, veiculados no instagram da COFASPI (Cooperativa de Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte), em julho do ano em curso. Para a sua análise, tomaremos os dispositivos teórico e analítico da Análise de Discurso francesa (AD), apoiados nas postulações de Pêcheux (1975) e nos procedimentos propostos por Orlandi (2001), sob a perspectiva pecheutiana. Vejam-se a seguir quais os seus desdobramentos no âmbito discursivo e das subjetividades.

4 | PERCURSO METODOLÓGICO

A materialidade discursiva tomada para análise são relatos de experiência do uso de cadernetas agroecológicas implementado pela COFASPI, sediada em Jacobina/BA. A entidade tem inserção expressiva no Território Piemonte da Diamantina (Bahia), atendendo os municípios de Umburanas, Ouro-lândia, Mirangaba, Saúde, Várzea Nova, Caém, Jacobina, Miguel Calmon e Serrolândia, bem como em municípios do Território Piemonte Norte do Itapicuru, quais sejam: Filadélfia, Caldeirão Grande, São José, Ponto Novo e Pindobaçu.

Para fins deste trabalho de investigação foram analisados treze relatos orais de mulheres que experimentaram a utilização das cadernetas agroecológicas, veiculados nas redes sociais da entidade nas plataformas do Facebook e Instagram. Em seguida foram selecionados cinco depoimentos de mulheres, donas de casa, casadas, de escolaridade básica cuja atividade ocorre em seus quintais, com o cultivo de hortas e criação de animais, tais como galinhas e patos.

Uma vez anunciados elementos das condições de produção dos discursos, convém iniciar esse percurso metodológico, questionando sobre como se constituem esses sujeitos discursivamente e a partir de quais Formações Discursivas enunciam, além de verificar os efeitos de sentidos produzidos em seus dizeres sobre a experiência em questão. A fim de responder a esses questionamentos, trabalharemos com as categorias sujeito, discurso, interdiscurso, intradiscurso, formação discursiva, formações imaginárias, apoiados em Pêcheux (1975), Orlandi (2001), Brandão (2004) entre outros de igual importância.

É, portanto, Michel Pêcheux, linguista e lexicólogo o autor da obra *Por uma Análise Automática do Discurso* (1988), que inaugura essa disciplina ou campo do saber, sendo também responsável pela sua solidez. O surgimento da AD ocorre em um período marcado por conflitos socioeconômicos, históricos e políticos, e decorre da necessidade de superação de uma linguística frasal, incapaz de dar conta do texto na sua complexidade. Em seu percurso metodológico, define como objeto de estudo o discurso, e ao fazê-lo, inscreve-o na relação da língua com a história, com o sujeito e com a ideologia.

Em seus pressupostos, o linguista francês considera a nova disciplina como uma ruptura epistemológica, por inserir o estudo do discurso num campo em que se articulam questões relativas ao sujeito e à ideologia (MALDIDIER, 1997). Assim, Pêcheux (1997) reconhece os sujeitos e o discurso como históricos e ideológicos, transferindo os processos de significação para a semântica do discurso, terreno em que se relacionam a língua e a história nos processos discursivos. Dele decorre a noção de condições de produção.

As condições de produção, termo herdado do marxismo, integram esse quadro teórico por compreenderem as circunstâncias de enunciação, a relação entre os interlocutores e o contexto sócio-histórico-ideológico. Esse último comporta elementos da sociedade com suas instituições, transpondo o contexto imediato. Para Amaral (2015, p.39), são as condições de produção constitutivas da significação do que se enuncia. Sendo assim, o discurso se apresenta afetado pela exterioridade que, segundo Amaral (2015, p.40), “[...] corresponde aos discursos já existentes e com os quais o discurso se constitui como um outro discurso; trata-se do processo entre discursos – o interdiscurso”, sobre o qual trataremos a seguir na sua relação com o intradiscurso.

4.1 Os eixos da memória e da atualidade, o discurso e os sentidos

Orlandi (2001), ao apoiar-se nas postulações enunciadas por Pêcheux (1975), refere-se ao interdiscurso como o saber discursivo que torna possível todo dizer, o já dito capaz de sustentar cada tomada da palavra. São formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Elas são indispensáveis para a compreensão do funcionamento do discurso e a sua relação com a ideologia e os sujeitos; enfim, para a construção dos sentidos. Esses últimos são sempre determinados ideologicamente. Por isso, o intradiscurso, o fio do discurso, só pode ser entendido na sua relação com o interdiscurso.

De conformidade com Orlandi (2001, p.33), o intradiscurso designa “aquilo que

estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. Já o interdiscurso é por ela definido como “um eixo vertical no qual se encontram todos os dizeres já ditos e esquecidos que representam o dizível (p. 32)”. Assim, todo dizer situa-se na confluência do eixo da memória e da atualidade. O interdiscurso tem, pois, um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Sendo assim, o sentido de um texto é, então, apreendido no espaço interdiscursivo entre as Formações Discursivas em questão num discurso.

As Formações Discursivas, segundo Pêcheux (1975), consistem em “[...] aquilo que numa dada formação ideológica, numa conjuntura dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Logo, são as FDs responsáveis por definir os dizeres permitidos ou não numa dada realidade. Isso ocorre a fim de atingir um objetivo desejado e alcançar certos interesses. Podem ser eles de manutenção da realidade ou de sua transformação. Para ele, é da FD na qual são produzidas as palavras, que elas recebem seus sentidos. E essas, quando remetidas à exterioridade, convertem-se em discurso.

O discurso é considerado por Pêcheux (1975) como efeito de sentido, que revela a ideologia funcionando a partir da materialidade linguística, o texto. Já Brandão (2004) define-o como toda atividade comunicativa, produtora de sentidos que ocorre entre falantes entre interlocutores. Acrescente-se a essa definição que esses interlocutores se situam num determinado tempo histórico, num espaço geográfico e carregam consigo a ideologia do grupo a que pertencem.

Verificar como se produzem os efeitos de sentido e como se constituem os sujeitos envolvidos numa determinada situação de interação são objetivos da AD. Compreende, desse modo, serem o sujeito e o sentido que instituem o funcionamento discursivo de qualquer texto. Este último, por sua vez, é concebido por Orlandi (2006, p. 116 - 117) como “unidade de significação, é o lugar mais adequado para se observar o fenômeno da linguagem”.

Feitas essas postulações sobre a disciplina em estudo, é possível depreender que as suas bases epistemológicas estão fincadas na Linguística, nas Ciências Sociais e na Psicanálise. Sobre a primeira já tratamos em parágrafos precedentes. No que se refere à segunda, comporta um nome em cujas ideias se apoia o projeto da AD – Althusser – com a obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos*, publicada em 1970, na qual defende a interpelação ideológica do sujeito.

4.2 O sujeito da AD

A tese central da interpelação ideológica defende que a ideologia interpela os indivíduos em sujeito, identifica-os, assim apresentada por Althusser (1970, p. 93): “[...] toda ideologia tem por função [é o que a define] ‘constituir’ indivíduos concretos em sujeito”. Como bem esclarece Pêcheux (1997, p. 155): “[...] o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que o ‘não sujeito’ é interpelado-constituído

em sujeito pela Ideologia”. Pêcheux refere-se ao indivíduo como o ‘não sujeito’.

Para a AD, não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pela língua. O fenômeno da discursividade situa-se nesse processo, conforme comenta Orlandi (2001, p. 48): “Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade”. O quadro dessas postulações requer a noção de inconsciente, a partir de Lacan, determinantes para a conceituação de sujeito.

Mussalim (2006, p. 109) sintetiza as postulações de Lacan sobre a relação entre linguagem e inconsciente, enfim a constituição do sujeito: “Para ele, o outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação à qual o sujeito se define, ganha identidade”.

A autora argumenta ainda que os pressupostos teóricos lacanianos fornecem para a AD uma teoria de sujeito clivado, dividido, mas capaz de se estruturar a partir da linguagem. Ela sublinha que o sujeito da AD não se apresenta livre para dizer o que quer dizer, mas ocupa um lugar social a partir do qual enuncia o que lhe é possível, a partir de uma determinada Formação Discursiva, conceito já abordado.

Importa ressaltar aqui que o sujeito de que tratamos difere do indivíduo, sujeito empírico. Ele é discursivo, consiste na representação dos lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Os discursos são produzidos por sujeitos. Tem-se, assim, um locutor que se fragmenta em muitos sujeitos os quais falam de um lugar determinado, no interior do processo discursivo em que se movimentam (COSTA, 2009).

Nessa perspectiva, tem-se como objetivo verificar como se constituem os sujeitos desse estudo na relação com o uso de cadernetas agroecológicas implementado pela COFASPI, quais discursos os atravessam. Interessam-nos as representações por eles construídas, sobre si mesmos e as FDs a partir das quais enunciam. Tais representações são nomeadas formações imaginárias ou imagens pela AD. Uma vez abordados as categorias eleitas para a análise, trataremos a seguir do caminho metodológico percorrido na busca pela produção dos sentidos e da constituição dos sujeitos, conforme proposto.

5 | A PRODUÇÃO DOS SENTIDOS E A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS

Em sua obra intitulada *Análise de Discurso, princípios e procedimentos*, Orlandi (2001) sistematiza em etapas a análise discursiva cujo propósito é verificar como o objeto simbólico (o texto) produz efeitos de sentido. Esse percurso compreende o estabelecimento do *corpus* e da pergunta que o organiza até o alcance dos processos discursivos, responsáveis pelo modo como o texto significa.

A dessuperficialização, que consiste na transformação da superfície linguística (o corpus, o material bruto, o texto) em objeto discursivo ocorre na primeira etapa. Nela, o objeto de análise passa a ser o discurso, deixa de ser o texto, considerado “um exemplar do discurso” (ORLANDI 2001, p.65). Para a construção dos sentidos, é preciso referir

esse texto à exterioridade, à discursividade, reportá-lo ao saber discursivo, ao já dito independentemente, considerando que todo texto inscrito na memória e na história, mantém um diálogo permanente com outros textos.

Na segunda, remete-se o discurso a uma FD da qual derivam os seus sentidos e relacionam-se as diferentes FDs com a formação ideológica que interpela essas relações. Assim realiza-se o recorte.

Quando o analista atinge os processos discursivos nos quais os efeitos de sentido foram produzidos, a terceira etapa se realiza. O objeto de análise é o interdiscurso, cuja relação com o intradiscurso propicia ao analista compreender a produção dos sentidos. Logo, tem-se como produto da análise a compreensão dos processos de produção dos sentidos e a constituição dos sujeitos em suas posições.

Apoiados nas contribuições citadas, procederemos à análise de textos extraídos das enunciações de mulheres camponesas sobre a sua experiência com as práticas agroecológicas, na produção e manejo de culturas das pequenas e médias propriedades. Conforme dito anteriormente, os textos foram coletados de seus depoimentos em áudios, veiculados no Instagram e Facebook da COFASPI (Cooperativa de Assistência à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte), em julho do ano em curso. Objetivamos verificar as suas formações imaginárias sobre si mesmas e a referida vivência, assim como se constituem enquanto sujeitos nessa relação.

5.1 A mulher camponesa - a imagem de si mesma e da relação com a caderneta

Informante 1 Toda mulher trabalha, mas acha que não fez nada, não faz nada. Mulher não trabalha.
Informante 2 Mesmo que ela ajudasse o marido na horta ou na roça seja onde for, aí só tinha aquele ditado: não, minha mulher não trabalha não! Só fica em casa. E você chega a se surpreender...um tanto de coisa que você produz ao mesmo tempo. Nem você mesmo (sic) dá valor; então você fica surpresa com isso.
Informante 3 A importância da caderneta pra mim é que ela veio mostrar hoje o quanto eu venho economizando as coisas na minha casa.
Informante 4 E agora com esse tempo bom aí, né? De abundância ... E com essa caderneta mudou muita coisa, porque eu mesmo (sic) não sabia o quanto eu produzia no meu quintal. O quanto que eu tava tendo de renda com consumo, com o pouquinho que eu vendia, eu não sabia.

O uso dos pronomes da primeira pessoa do singular ocorrido reiteradas vezes nos enunciados dos informantes 3 e 4 (eu, mim, meu, minha aqui) reflete o olhar do sujeito discursivo sobre si mesmo, sua subjetividade. Já o uso dos possessivos como determinantes dos espaços domésticos ('minha casa'), e do lugar de trabalho ('meu quintal'), além de afirmar tal subjetividade, apontam para uma relação de apropriação desses espaços por

parte desse sujeito.

Tal proximidade com esses espaços se apresenta associada a uma avaliação positiva da Caderneta, que aparece em seus enunciados como um elemento transformador de sua história, verificada na forma verbal ‘mudou’ (informante 4). Essa valoração é iniciada pelo operador argumentativo explicativo que introduz uma justificativa em ‘porque eu mesmo (sic) não sabia o quanto eu produzia no meu quintal’.

Tem-se, portanto nesse enunciado uma percepção positiva da adesão à cooperativa, com desdobramentos favoráveis no tempo presente (hoje) em oposição a um passado caracterizado pela ausência de um saber, agora adquirido, explicitado e repetido em: ‘eu não sabia’. O efeito de sentido produzido é, portanto de mudança a partir da apropriação de saberes.

Diferentemente do que que ocorre no discurso dos informantes 3 e 4, os sujeitos discursivos dos dizeres dos informantes 1 e 2 fazem uso da terceira pessoa e dessa forma lhes atribuem um tom de impessoalidade. Tem-se no início do enunciado do informante 1 um sujeito que se constitui, afirmando a mulher enquanto trabalhadora. Dessa forma, enuncia de um lugar comprometido com a quebra dos estereótipos ideológicos de gênero, conforme Simone de Beauvoir (2011) e Adichie (2015).

No entanto, em seguida, pelo uso do operador ‘mas’, apresenta uma conclusão contrária em ‘mas acha que não faz nada.’ E finaliza: ‘Mulher não trabalha’. Nesses dois últimos dizeres, ocorre a dispersão, isto é, tem-se um outro sujeito enunciando de uma FD que aponta para papéis pré-definidos, os quais se projetam sobre a existência das mulheres. São formações imaginárias que as tomam por menos importantes na estrutura social. Ao, pretensamente, não serem capazes de gerar valor de troca nas relações econômicas (MARX, 2008), por serem impotentes para a produção, também não seriam capazes de autoafirmação nas relações interpessoais e familiares.

5.2 A mulher do campo e o trabalho como ferramenta de liberação feminina

Informante 1 ‘Aí a gente passa a perceber que a gente trabalha.’
Informante 2 ‘Então ela é muito importante, para gente ela é uma planilha, né? E a planilha e também através da caderneta, eu percebi que o trabalho da gente tá sendo muito valorizado, o trabalho da mulher’.
Informante 4 ‘A gente tivemos (sic) acesso a essa caderneta aqui na fazenda Várzea Nova, e daí a gente acabou descobrindo a quantidade de trabalho que a gente mulher consegue, consegue fazer ao mesmo tempo.’

O sujeito discursivo desses enunciados assume uma posição de bom sujeito na relação com a cooperativa, na medida em que atribuem à Caderneta a construção de uma

nova percepção sobre o trabalho da mulher. Desse modo, constituem-se enquanto sujeitos ativos, capazes de produzir um trabalho valorizado.

O efeito de sentido produzido verificado é o de nascimento de uma ontologia, o que demonstra a reflexão sobre si. A imagem de si mesmo é a de um novo sujeito, capaz de se ver em uma condição nova, passando da condição de passivo a ativo na história, o que remete às formulações teóricas de Simone Beauvoir (2011) acerca do trabalho como ferramenta de liberação feminina.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se debruçar sobre os discursos acerca da experiência vivenciada por mulheres no piemonte da Chapada Diamantina, na zona rural do território baiano, este trabalho de pesquisa trouxe a oportunidade de discutir as subjetividades femininas no processo produtivo, a partir da análise de seus discursos veiculados em redes sociais.

Foi possível, a partir dos enunciados coletados acerca da utilização das cadernetas agroecológicas, aplicar os procedimentos metodológicos da Análise do Discurso Francesa e, assim, levantar os aspectos ideológicos que estruturam as falas das informantes. Deste tratamento depreendeu-se que as práticas sociais vinculadas à organização para o trabalho têm efeito direto na maneira de falar sobre si das mulheres campesinas, o que diz respeito a sua ontologia e ideologia.

Dado que a sociedade capitalista se realiza na lógica da mercadoria, nos termos apontados por Marx, do fetiche que opera atribuindo às pessoas o valor-trabalho transmutado no valor-moeda. Ao se dar conta de que são capazes de produzir, as mulheres rompem com a ideologia da dominação feminina, ao passo que verbalizam uma nova da percepção de si, em uma nova subjetividade. Deixando de ser um objeto em si para se transformar num sujeito para si.

Denota-se a superação da alienação, na medida em que se tornam capazes de se posicionar como sujeitos autodeterminados nas relações de produção. A ideologia da dominação que desvaloriza o papel da mulher nas relações sociais, sejam elas econômicas ou não, é transmutada pela lógica da liberação de si, num movimento em que saber fazer é instrumento de luta por reconhecimento e redistribuição

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença / Martins Fontes, 1970.

AMARAL, Maria V. B. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: EDUFAL, 2016.

ANSCHAU, Andréia; GONÇALVES, Marcela Vecchione. **Cadernetas Agroecológicas: relações de poder, gênero e resistência no movimento agroecológico**. Brasília: UnB, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **Le deuxième sexe I**. Paris: Gallimard, 2011.

BIDART Claire. Sociabilités : quelques variables. In: **Revue française de sociologie**, 1988, 29-4. Sociabilité et action collective. pp. 621-648;

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CACCIAMALLI, Maria Cristina. **Setor informal urbano e formas de participação da produção**. São Paulo: USP, 1983.

CAMARGO, José Márcio (Org.) **Flexibilidade do mercado de trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 3, p. 70-85, jul./set. 2002.

COSTA, G. R. A constituição do sujeito enunciativo do Gestar II. **Revista Interdisciplinar**, ano IV, V.9, ago. dez. 2009.

DELPHY, Christine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

FORSÉ Michel. La sociabilité. In: **Economie et statistique**, nº132, Avril 1981. Collectivités locales / Le commerce en 1980 / La taille et le poids des Français. pp. 39-48;

HOFFMANN, R. Como mulheres e homens contribuem para a desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 821-854, 15 dez. 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=series-historicas> Acesso em: 08.10.20.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 08.10.20.

IPEA. **Carta de Conjuntura - 2020 - 3º Trimestre - nº 48**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200901_cc48_pib.pdf. Acesso em: 08.10.20.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**. Campinas, São Paulo: Pontes - Editora da UNICAMP, 1997. p. 15 – 25.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.**

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

MOREIRA, R. M.; CARMO, J. D. S. do. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura**, v. 51, n. 2, p. 37-56, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001.

PATEMAN, Carole. **The Disorder of Women**. Stanford: Stanford University, 1989.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani (et al). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SEVILLA-GUZMÁN, E. **La agroecología como estrategia metodológica de transformación social**. [s.l.]: [s.n.], 2006. Disponível em: file:///C:/Users/annac/Downloads/Agroecologia_y_transformacion_social.pdf . Acesso em: 09.10.2020.

ROSSETTI, José Pachoa. **Introdução à economia**. São Paulo: Atlas, 1997.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem diacrônica 78

Análise do discurso 29, 30, 41, 53, 55, 59, 60, 66, 76, 95, 107, 108, 109, 125, 144, 154

C

Ciências da comunicação 15

Cinema 32, 110, 111, 112, 113, 116, 117

Comunicação 1, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 33, 34, 43, 44, 45, 47, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 67, 68, 70, 76, 77, 79, 80, 94, 110, 111, 112, 113, 115, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 143, 145, 146, 148, 150, 152, 159, 165, 188

Construção da imagem 14, 68, 69, 70

Construção da imagem da mulher 68, 69, 70

Copa do Mundo de 1970 166

Copa do Mundo de 2014 166, 167, 176, 181

Corpo feminino 53, 55, 85, 86, 88, 90, 91, 93

Covid-19 69

D

Desigualdade 68, 69, 71, 72, 76, 96, 108, 117, 118

Discurso machista 78, 80, 82, 93

Discurso publicitário 29, 35, 39, 78

E

Economia 41, 69, 76, 77, 96, 100, 108, 109, 110, 111, 112, 161, 168, 176, 177, 178, 180, 181, 187

F

Futebol 111, 133, 134, 136, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

G

G1 69, 70, 71, 76, 77, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 178

I

Ideologia 36, 38, 39, 70, 77, 102, 103, 104, 107, 111, 116, 117, 118, 122, 165, 173, 177

Imagem 1, 4, 6, 7, 8, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 105, 107, 123, 167, 169,

170, 171, 178, 182, 184

Impactos culturais 110

Informação 18, 19, 23, 55, 82, 83, 85, 128, 134, 136, 137, 138, 152, 158, 161, 163

J

Jornalismo 94, 127, 128, 129, 132, 133, 136, 138, 140, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 188

M

Materialidade 29, 31, 34, 35, 37, 101, 103, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125

Materialidade discursiva 101, 114, 115, 117, 122

Mídia 8, 13, 31, 34, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 76, 80, 82, 114, 119, 128, 129, 130, 132, 133, 136, 138, 140, 157

Midiatização 59, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Moda feminina 78, 80, 82, 93

Mulher 12, 29, 31, 32, 34, 54, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 99, 105, 106, 107

Música popular brasileira nos anos 1930 114

P

Pandemia 30, 32, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Podcast 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77

Poder 5, 7, 12, 34, 36, 37, 43, 49, 54, 60, 61, 66, 70, 72, 76, 82, 95, 97, 98, 99, 108, 111, 113, 115, 116, 133, 138, 145, 146, 165, 166, 167, 169, 171, 172, 175, 176, 181, 183, 186, 187

Portal G1 127, 129, 132, 133, 134, 138, 178

Procedimentos semânticos 141, 142, 148, 152, 153

Publicidade 1, 2, 3, 11, 13, 14, 33, 38, 56, 61, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 113, 153

Publicidade digital 1, 2, 3

Publicidade e propaganda 113

R

Rádio 30, 38, 69, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 176

Redes sociais 17, 21, 30, 32, 33, 34, 38, 40, 43, 44, 46, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 97, 101, 107, 112, 136, 137, 150, 151

Representação visual 1

Representações 4, 8, 9, 10, 11, 40, 44, 60, 61, 77, 78, 79, 83, 98, 104, 116, 121, 122, 186

S

Seleção brasileira de futebol 165, 166, 167, 184

Sociedade brasileira 31, 110, 166, 167, 169, 186

T

Televisão 110, 111, 112, 113, 158, 161, 170, 172

Terrorismo em Paris 127, 129, 132, 133, 138

Topografia da cultura 114

Tradução e jornalismo 155, 163

U

UOL 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 113, 166, 176, 177, 181, 182, 183, 186, 187

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências da Comunicação:

Chave para a Ascensão em
Organizações e Relacionamentos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 